

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5050	\$120
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—

37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1278

30 de Junho de 1914

Redacção — Atelier de gravura — Administração
 Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus,
 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
 Praça dos Restauradores, 24

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CRONICA OCCIDENTAL

O ensino-publico parte do dado, meramente de convenção, de que todos os alunos têm o mesmo natural.

Erro palpavel. Erro monstruoso.

E', efectivamente, um erro difficil de aniquilar no funcionamento das nossas maquinas de instrução. Mas é um erro que se deve destruir — custe o que custar — por esforços indefessamente envidados pelo professor.

Professor distinctissimo dum liceu da capital lamentava-se-nos, ha dias, de não poder aplicar, segundo os seus melhores desejos, aos alunos, no ensino da lingua-françeza, o metodo directo, devidamente: — a turma, a seu cargo, era numerosissima, e a atenção perdia-se prodigamente em detalhes minimos. Outro professor, intelligente e sabedor, desanimava de se aplicar no liceu com consciencia e coração a um dedicado e aturado ensino — amplo e moderno como ele o comprehendia — pois que os seus discipulos dum anno para o anno seguinte lhe fugiriam por absurdas conveniencias do serviço: assim todo o seu metodo ficava prejudicado e inutilisado.

Apesar de tudo, estes professores dedicam-se efectivamente, tanto quanto lhes é permitido, e são bem compensados pela consideração, ami-

zade e respeito que os alunos lhe sabem sempre dispensar.

A organização do ensino é mediocre. Notam-se falhas na sequencia logica dos programas.

Mas o professor pode preencher essas lacunas por meio dum esforço constante, bem intencionado e orientado.

O esforço, por si-proprio, exige bôa-vontade. A bôa orientação exige criterio e saber. E bôa-vontade e criterio e saber — devemos concordar que rareiam neste

lindo jardim plantado á beira-mar do Occidente.

Os alemães condenam decisivamente a semi-cultura — *Halbbildung*. Nós — portugueses — só, na verdade, poderemos limitar-nos a condenar a ignorancia que por ahí esbraceja.

E é essa ignorancia presunçosa de que falava Quintiliano e que bem rudemente estigmatizada foi pelo notavel homem de lètras do sec. xvii, Luis Antonio Verney no seu — *Verdadeiro método de estudar*.

No entanto, isto de instruir e educar é uma profissão melindrosa e séria que traz a quem a exercita altissimas responsabilidades. Em Portugal, afóra os trabalhos de dois ou três pedagogos, aliás distinctissimos, que levam ás escolas a experimentação psicologica, nada temos de realmente criterioso e valioso. A materia é descurada como, de resto, sempre tem sido. Nestes tempos em que, láfóra, os principios pedagogicos são divulgados e acolhidos entusiasticamente — Portugal assiste indifferente ao continuo desabrochar e emurchecer de teorias de educação e instrução.

Nas suas linhas gerais, ainda a nossa metodologia do ensino retém a irregularidade das epocas obscuras que passaram. Com efeito, a pedagogia não é em país algum uma sciencia definitiva. Mas tem principios gerais que se podem, desde já, com segurança, feitas reservas, aplicar.



MONUMENTO DA GUERRA PENINSULAR, EM LISBOA

UM DOS GRUPOS DESTINADO AO MONUMENTO — Esculptura de José de Oliveira Ferreira

(Cliché Marques Abreu)

E um desses principios é o reconhecimento incontestavel da individualidade. E' evidente que esses principios gerais têm applicações diversissimas. Amoldam-se convenientemente ao genio nacional, aos caracteres da raça, ás necessidades da sociedade e do individuo, e aos costumes publicos e particulares. O principio da individualidade é o principio basico. E assim, o professor moderno, instruido e lucido, antes de mais nada, estuda convenientemente, os seus educandos, as suas constituições físicas, disposições intimas, compleições mentais, e órgãos sensoriais. Se tanto fôr possível, investiga dos meios sociais que frequentam e das condições familiares que os rodeiam.

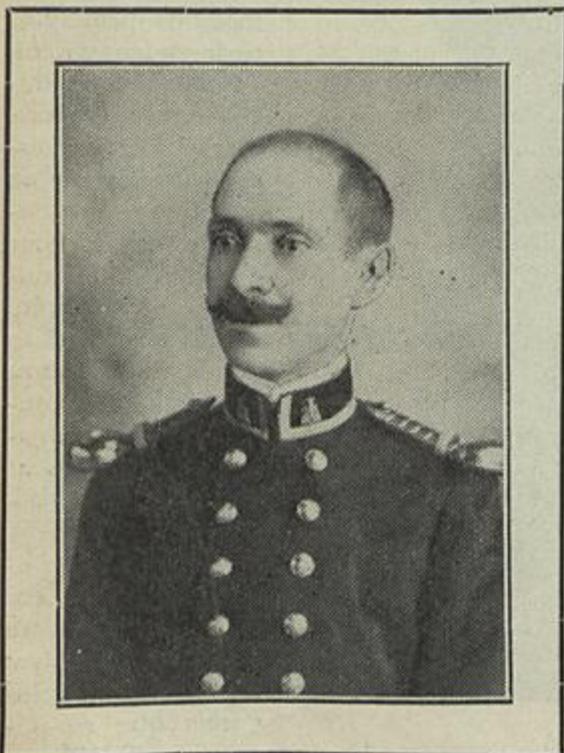
E, deste modo, se aproxima do remoto ideal que visa e — ai dele! — por melhor e mais incansavel vontade jámais atingirá. A pedagogia reserva ainda um vastissimo campo á iniciativa individual do professor. O manual de pedagogia, por si, não fórma o professor e o educador. E' necessario que este adquira estímulo e tenha de natureza o dom da simpatia, discernimento, um tacto finissimo e bom senso imperturbavel. O professor não deve ser precisamente o zagal de rebanhos submissos. Não alimentará no seu espirito a sombra oculta dessa ambição que tende a fazer dos alunos manequins mecanicos. A militarisação da escola é, afinal, um processo diabolicamente requintado de embrutecimento.

O professor moderno vai ao encontro do seu aluno num plano conveniente de simplicidade. E' assim que o póde compreender. Sem deixar de ser êle-proprio — êle modela-se pela estatura intelectual do aluno. Apaga-se deante dele. E apagando-se, torna-se o principio directôr e oculto da consciencia do educando.

Afinal, reconhecemos agora que estas ideias de que temos feito uma exposição sucinta, são as ideias directrizes do metodo educativo de Pestalozzi.

E é assim que o marmore rijo da individualidade se vai estatuando nas proporções nitidas duma verdadeira personalidade. Surge, então, o caracter...

ANTONIO COBEIRA.



DR. ANTONIO DOS SANTOS LUCAS
Novo ministro das finanças

Situação politica

Parece debelada, a crise politica portugêsa. O escandalo das Portas-de-Rodam — assim falam as gazetas oposicionistas — pôs em instabilidade desastrosa o ministerio presidido pelo sr. Bernardino Machado.

Declarado demissionario o ministerio — o sr. Bernardino Machado, sem duvida, por imposições da situação politica, encarregou-se imediatamente de formar ministerio novo.

Ministerio novo — que de novidade apenas nos dá a iniciação, na vida politica activa, de dois homens-de-gabinete. Esses novos titulares são os srs. drs. Santos Lucas e Almeida Lima — altamente cotados no nosso meio scientifico.

O sr. dr. Antonio dos Santos Lucas é capitão de engenharia. Nasceu em 13 de junho de 1866. Assentou praça em 12 de outubro de 1885.

Formado em matematica, lente da Faculdade de Sciencias de Lisboa, directôr da Casa da Moeda — evidenciou-se, eminentemente, na cultura das sciencias matematicas, e torna-se respeitado pela proficiencia com que sabe desempenhar os logares que lhe são confiados.

O sr. dr. João Maria d'Almeida Lima é coronel de artilharia. Nasceu em 15 de novembro de 1859. Assentou praça em 18 de abril de 1878.

Reitor da Faculdade de Sciencias de Lisboa, lente substituto da cadeira de fisica experimental, socio de 2.ª classe da Academia das Sciencias — tem se notabilizado pela probidade com que encara a sua missão de professor e communicações publicadas nos boletins da Academia, inumeras e sabias de orientação e profundeza.

Dos outros ministros que continuam com as pastas — já nós por vezes varias falámos. O sr. dr. Bernardino Machado toma a seu cargo a pasta da justiça.

Dizem — entrámos num novo periodo de normalidade. Assim, fazemos votos para que se resolvam com urgencia estas questões gravissimas:

— Lei da separação, lei eleitoral, codigo administrativo, leis organicas das colonias, o problema da instrução, o problema financeiro...



Centenario da Guerra Peninsular

Inauguração do monumento

Em breve, será inaugurado o monumento comemorativo da guerra peninsular em Lisboa.

Como é de todos sabido, são seus autores, os srs. José de Oliveira Ferreira, esculptôr, e Francisco de Oliveira Ferreira, arquiteto, antigos discipulos da Escola de Belas-Artes do Porto, que foram classificados em primeiro logar pelo juri do concurso de Março de 1909. Certamen organizado para apreciação de projectos monumentos de arte, que aos nossos artistas inspirasse a guerra heroica que para sempre e longe expulsou da peninsula iberica a aguia napoleonica — esse certamen, podemos com desassombro affirmá-lo, foi abundantemente e valiosamente concorrido.

O juri, incumbido de classificar esses projectos, que se constituiria sob a presidencia do sr. coronel Maximiliano de Azevedo, no impedimento do sr. general Rodrigues da Costa, presidente da comissão, com os professores da Academia de Belas-Artes, srs. José Luiz Monteiro, José Alexandre Soares, arquitetos, José Veloso Salgado, pintôr e o esculptôr, sr. José Moreira Rato — o juri foi esforçadamente justo, concedendo o primeiro premio á maqueta que se apresentava sob a divisa *Aspirantes portugêses*.

Aos srs. José de Oliveira Ferreira e Francisco de Oliveira Ferreira foi, pois, conferida a adjudicação da construção do monumento. A'cerca desta bela obra-de-arte, falámos nós detidamente por ocasião da abertura do concurso (1). Já por si o motivo da comemoração da Guerra Peninsular é nobilissimo e inspira de grandiosidade uma alma portugêsa. E' giganteo o esforço que representa essa luta enorme de desespero e orgulho rebelado dum povo pequenino e pobre, contra um exercito de Napoleão, exercito arrogante, cortido nas experiencias da guerra e mimado de vitorias constantes.

Um gesto resolutivo afugentou, de vencida, a aguia napoleonica...

Neste mesmo logar que o OCCIDENTE reserva sempre honrosamente aos mais sugestivos assuntos da actualidade, ha cinco anos, por ocasião da concessão de premios aos concorrentes do certamen comemorativo, um bom texto de prosa firmada pela nome autorizado de Caetano Alberto assim descrevia a maqueta do monumento de que tratamos agora:

«Não ha duvida que a aguia lá se ergue por sobre o castelo monumental, que simbolisa a patria portugêsa, revestindo suas ameias com os escudos das principaes cidades e distintivos da monarchia, o que, tudo, o povo defende na ancia dum grande amor patrio.

«O mar, teatro de tantas glorias portugêsas, vem quebrar suas vagas ao sopé das muralhas; esboçam-se algumas ruinas resultantes da guerra. Assim se forma a base e pedestal do monumento e sobre isto se movimentam grupos de figuras de uma vida e expressão sugestiva extraordinaria. Aqui o povo guarda e defende as reliquias da patria, em precioso cofre de que o castelo é depositario, e logo se desenvolve um grupo de combatentes, militares e paisanos, que se auxiliam esforçadamente, arrancando a artilharia, animados pelas falas do comandante que os incita ao combate.

«Os quadros vão-se desenvolvendo pelas faces do monumento, e agora é um leão, simbolo da força que domina o terreno sobre que jazem destroços da guerra. Seguindo, encontra-se um grupo comovedôr, rapariga que se ajoelha aos pés dum velho, que será seu pae, e assim lamentam a desgraça da sua terra assolada, as casas deruidas e saqueadas, onde não escapou o eremitorio da aldeia, emquanto pelo chão, cadaveres estendidos mostram a grande luta que ali se travou.

«Na parte superior do monumento, um grupo bem combinado de militares e paisanos forma a alegoria triunfal das campanhas peninsulares, em que, arrancando das garras da aguia francesa, que esvoça ferida, a bandeira nacional, a entrega á Patria vitoriosa que a recebe na mão esquerda emquanto na direita empunha a espada que se ergue triunfante.

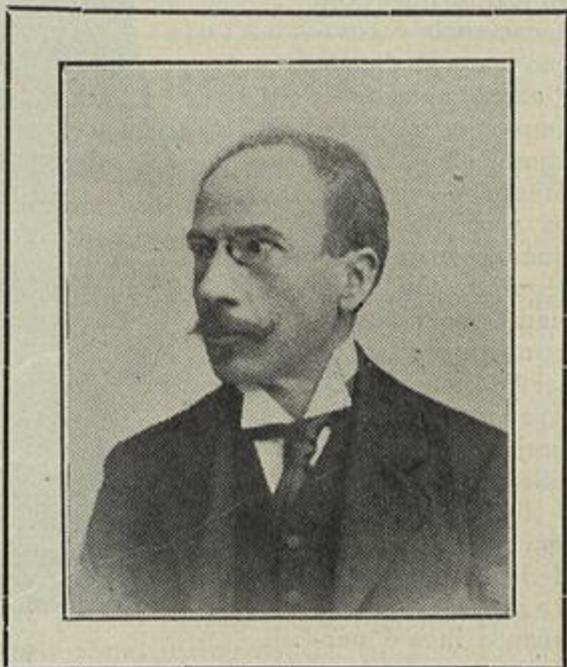
«Tal é a concepção arrojada dos autôres deste projeto, dois novos estudantes, irmãos, ainda completando seus estudos no estrangeiro, depois de terem concluido brilhantemente os seus cursos na Escola de Belas-Artes do Porto.»

Discipulo estimado de Teixeira Lopes — o sr. José de Oliveira Ferreira soube aproveitar-se conscienciosamente dos processos e inteligente orientação do grande Mestre.

Discipulo laureado da Escola do Porto — Francisco de Oliveira Ferreira afirma no seu projeto incontestaveis meritos.

Resta-nos vêr a realisação do monumento e corroborar com as nossas apreciações gratas as esperanças que nos inspirou exaltadamente a maqueta.

Os grupos que neste numero reproduzimos confirmam plenamente aquelas esperanças.



DR. JOÃO MARIA DE ALMEIDA LIMA
Novo ministro do fomento

(1) Veja OCCIDENTE, vol. xxxvii, pag. 66, n.º 1089, de 30 de março de 1909.

Rafael Bordallo Pinheiro

VINTE ANNOS DEPOIS



Faz favor, empresta-me o seu lume

Rival de Gavarni

(No album que a Associação dos Jornalistas
offereceu a Raphael Bordallo Pinheiro).



lapis de Bordallo é primoroso!
Fortalece-o a seiva de pinheiro;
Fino e subtil, audaz e galhofeiro,
Tem artes d'um poder maravilhoso!

Corrige o vicio e o paspalhão vaidoso,
Que ufano julga impôr-se ao mundo inteiro,
Mas o transforma em mísero sendeiro
E ao funesto politico, em leproso.

De Rabelais a franca gargalhada
Que a fantasia alegre lhe sorri,
Em dois traços de mestre é provocada.

Taes prodigios de engenho nunca vi!
De Juvenal a satyra engraçada
Na arte excede e em gloria a Gavarni!

Francisco Serra.

PELO MUNDO FÓRA

A queda repentina do ministerio *Ribot*, que succedera ao de *Doumergue*, provocou acerbas criticas da imprensa inglesa e russa, que viam no regresso á lei dos dois annos, preconizada o anno passado pelo congresso radical de *Pau*, um triumpho para os rivaes da França.

O ministerio *Viviani*, que se constituiu, conta dois dos adversarios do gabinete *Ribot*, os srs. *Augagneur* e *Dalimier*. Foi a reconpensa do assalto. *Messiny*, ministro da guerra, votou a lei dos 3 annos. Dos 17 membros do gabinete, 11 votaram pessoalmente essa lei, tanto na Camara como no Senado.

O regresso á lei dos 2 annos, reclamado pelos radicaes unificados e pelos socialistas unificados, é apenas uma eventualidade, sem probabilidade de realização, se o ministerio quizer manter-se. *Malvy* e *Augagneur* defendem a doutrina do congresso de *Pau*, mas acceitam o adiamento.

A maioria nitidamente republicana é de 233 votos. O bloco da extrema esquerda está dasagregado, e os socialistas unificados estão escludidos da maioria republicana, assim como alguns radicaes unificados, que não querem abandonar o programma de *Pau*.

O grande emprestimo para cobrir o deficit financeiro está garantido ao governo, que espera fazer caminho.

Como informação de interesse futuro, diremos que a Camara francesa, constituida por 600 deputados, está dividida em 11 grupos.

As trovoadas teem assolado toda a Europa, incluindo o nosso paiz. No dia 15 provocaram enormes quedas d'agua em Paris, que durante hora e meia foi inundado pela maior tempestade de que ali ha memoria. Trombas d'agua misturadas com faiscas produziam enorme pavor. O peor é que, em consequencia da construcção do *Metropolitano*, o solo nalguns pontos offerecia pouca resistencia, e o peso da agua deu origem a afundamentos de terreno em que pereceram bastantes pessoas.

Ao mesmo tempo rebentaram alguns canos de exgoto e deram-se explosões nos de gaz. Na praça de *Saint-Augustin* deu-se um caso verdadeiramente extraordinario: Um taximetro desapareceu por uma abertura do solo, e com elle o *chauffeur* e uma passageira, a sr.^a *Lavotte*! Foram retirados da profundidade de 12 metros.

Afogados em lodo em Paris!

Paris, Londres e Berlim, como se sabe, são cidades duplas, sobrepostas, continuando-se para o interior da terra, onde a humanidade se agita e vive, qual topeira.

Mas em Londres, onde chove mais do que em Paris, não se dão esses desmoronamentos do solo, porque os *Tubes* estão muito mais fundos que o *Metro* de Paris. No *Metropolitano Railway* nunca se deram esses casos, devido tambem á solidez da construcção. O engenheiro *Willox*, que dirige o metropolitano londrino, elogia a sciencia da engenharia francesa, mas é de opinião que se não deve acreditar piamente na theoria. Os engenheiros in-

glêses, quando em presença d'um problema duvidoso, não hesitam em resolvê-lo da forma mais simples e segura, empregando uma quantidade de materiaes dupla ou tripla da indicada pela sciencia.

A imprensa francesa sensura a falta de solidez do *Metro* e a precipitação com que se fazem as construcções subterraneas.

A agua invadiu as galerias da linha em construcção, *Port de Saint-Cloud-Opera* e, escavando os terrenos sustidos pela alvenaria, produziu afundamentos repentinos, que occasionaram bastantes victimas e que constituem uma verdadeira catastrophe.

Perto de *Saint-Philippe du Roule* abriu-se enorme fenda para a qual se precipitaram os curiosos, dando-se algumas mortes. Na *rue du Havre*, em frente dos *Magasins Printemps*, o passeio e a calçada afundaram-se, deixando um grande buraco.

No momento em que a calçada se abriu perto de *Saint-Philippe du Roule*, sahiam da igreja cinco meninos de côro, que haviam assistido á oração da tarde, desaparecendo tres!

A Inglaterra celebrou o setimo centenario do nascimento de *Roger Bacon*, franciscano nascido em 1214. A cerimonia realizou-se na Universidade de *Oxford*, onde estiveram representantes do Instituto de França, da Universidade de Paris e da Academia Francesa, além da Ordem dos Frades Menores, dos Capuchos e de S. Francisco, o que tudo prova a plenissima liberdade de crenças na protestantissima Albion.

Ao inaugurar-se a estatua do grande philosopho no Museu da Universidade, o illustre cientista *Sir Archibald Geikie* poz em relevo a obra do eminente sabio que occupou toda a sua agitada existencia em combater a ignorancia, o preconceito e a intolerancia em cujo seio a sorte a lançára, alargando os horizontes do saber humano em todos os ramos scientificos. Foi elle o precursor, não comprehendido durante seculos, da moderna concepção da sciencia como um estudo inductivo da natureza, baseado e provado pela experiencia.

Lord-Curzon ex-Vice-Rei da India, e Chanceller da Universidade, alludiu ao assombroso campo da actividade intellectual do franciscano, que, no seu entender, abrange tudo quanto nós sabemos pela sciencia e pela philosophia moral e politica.

Roger Bacon, o *doctor admirabilis*, como os contemporaneos lhe chamavam, previu quasi todas as descobertas modernas, taes como os submarinos e os aeroplanos, e inventou a *polvora*. Deixou um tractado de geographia verdadeiramente notavel e que se diz ter influido nas descobertas de *Columbo*.

Bacon foi victima da intolerancia e da ignorancia da epocha, tendo sido perseguido, preso e vigiado. O Papa *Clemente IV* protegeu-o e defendeu-o, aconselhando-o a que, embora perseguido e vigiado, se conservasse em *Oxford*. E' devido a essa circumstancia que a Universidade de *Oxford* se pôde orgulhar de possuir os manuscriptos do grande philosopho, alguns ineditos, que de outra fórma teriam por certo desaparecido.

Em Londres realizou-se de 11 a 26 do corrente o *Congresso das nações*, comprehendendo 2.100 delegados da *Salvation Army*, a famosa organização do «general» *Booth*, espalhada por todo o mundo. Cerca de 100 representantes, com uma banda, desapareceram na catastrophe do *Empress of Ireland*, como se disse. O congresso reuniu-se n'uma casa construida *ad hoc* no *Strand*, e que pôde conter 5.000 pessoas, devendo ser arrasada logo a seguir. Espectaculo curiosissimo, a exhibição de trajos de povos tão variados. No congresso falaram-se 35 linguas. Verdadeira Babel. Os oradores puderam ser comprehendidos ao mesmo tempo por todos os assistentes, graças á adopção de aparelhos telephonicos, engenhosamente adoptados. Os interpretes, espalhados por entre os ononites, reproduziam o discurso pelo telephone, de que estavam munidos e cujos auscultadores estavam nas mãos dos delegados que falavam a respectiva lingua, de sorte que o mesmo discurso era ao mesmo tempo comprehendido por toda a assistencia.

Na *Albania* tem continuado os combates entre as forças fieis ao soberano — que são as tropas internacionaes, os *Mirditas* e os *Malissores* — e os *mussulmanos*, que estão quasi senhores de *Durazzio*.

Num formidavel combate encontrou a morte o consul hollandês *Thomson*. Dispunha de grande auctoridade e cria no restabelecimento da ordem na *Albania*, mas, estranho aos partidos, foi victima do bloco que contra elle formaram. Desapareceu no momento em que, tendo-se recusado a dar desculpas pela prisão do coronel italiano *Muricchio* e do professor *Chinigo*, suppostos implicados na insurreição, a Italia ia exigir o seu regresso á *Hollanda*.

A situação do principe *Guilherme* é cada vez mais critica.

A visita do czar da *Russia* ao rei *Carlos da Rumania* constitue um acontecimento internacional. O encontro realizou-se em *Constanza*, onde houve cortejos vistosos e banquetes retumbantes, de cujos discursos resulta a confirmação de concordancia de ideias e de perfeita solidariedade moral.

Como se sabe a *Rumania* permaneceu durante muitos annos em attitude de desconfiança perante a *Russia*, encaminhando-se para a triplíce, e sendo considerada como a cliente mais fiel da *Austria-Hungria*, em opposição á *Bulgaria*, *Servia* e *Montenegro*, clientes politicos da *Russia*.

A guerra balkanica fêz mudar todo o scenario.

A *Rumania* viu-se lograda pela politica de *Vienna* e comprehendeu que a salvaguarda dos seus interesses só poderia vir-lhe do seu proprio esforço, e então collocou-se ao lado da *Grecia* e da *Servia*, impondo a paz de *Bukarest*. A *Rumania* livrou-se da influencia austriaca, que passou a exercer-se na *Bulgaria*, mas tambem não vae a reboque da *Russia*.

O rei *Carlos* sublinha o facto de que o fim constante e invariavel do seu paiz é

contribuir para a manutenção, por um equilibrio estavel e por relações cordeas entre todos os Estados d'essa parte da Europa, da paz benefica que lhes pôde permittir a realização da prosperidade a que aspiram. O mesmo é o affirmar a vontade da Rumania em fazer respeitar o tratado de Bukarest que restabeleceu o equilibrio. O Czar por seu lado affirmou o seu desejo de vêr a paz mantida e sublinhou o facto de que a sympathia reciproca das duas nações obedece não só a tradições historicas, mas a uma verdadeira solidariedade de interesses. A aproximação russo-rumena é pois um facto.

Entretanto surgem rivalidades entre a *Grecia* e a *Turquia*, chegando a uma tensão que assusta a Europa. O conflicto nasceu de perseguições dos gregos da Turquia da Asia Menor. A opinião publica grega faz pressar no governo para que adopte uma attitude energica contra a Turquia. Apesar dos conselhos de pendencia, a Grecia prepara-se para as eventualidades de nova guerra, chamando os navios dispersos.

Emfim, a guerra é o pão nosso de cada dia.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Admitindo-se que na intensidade d'uma grande paixão é possível amar a outrem mais do que a si mesmo, quem tem maior satisfação, quem ama ou quem é amado?

La Bruyère.



Miss Hilda King

Reproduzindo neste lugar o retrato desta artista, prestamos uma justa homenagem a quem sabe nos dominios da Arte exercer com levantado espirito uma nobre missão, cultivando com esmero e acentuado gosto uma das belas-artistas que maior poder emocionante tem e ao mesmo tempo fazendo reverter em inefavel gozo para os que a ouvem e em consolação para os desprotegidos e para os que padecem a sua prodigiosa execução.

Miss Hilda King representa no seu instrumento uma vocação artistica muito precoce, pois que aos 9 ou 10 anos já o tocava com notavel perfeição, revelando um assombroso talento. Foi discipula de Madame Martinez.

Com uma educação musical muito bem conduzida, as suas aptidões engrandeceram e alargaram-se, tornando-se a concertista já hoje sobejamente conhecida no nosso meio musical e no estrangeiro, em Inglaterra, onde completou aquella educação, na Real Academia de Musica, de Londres, pela qual lhe foi conferido o grau de licenciada, depois de satisfeitas todas as provas a que se sujeitou, para ser admitida aos cursos exigentes daquela Escola. Não careceu a nossa eximia artista de os seguir, porque logo ao primeiro exame de admissão os professores reconheceram que tinham deante deles uma organização musical excelente, realçada por uma aprendizagem bem sucedida. Miss Hilda King fez em poucos meses o que outros carecem de anos sucessivos para efectuar.

Em Londres ela teve a distincção de ser discipula de Thomas, uma das notabilidades musicas do Reino Unido, considerado o maior harpista inglês e um dos melhores mestres da actualidade.

Miss Hilda King não só executa primorosamente os mais dificeis trechos d'harpa, com uma rara virtuosidade, mas revela-se profundamente conhecedora da musica, cuja harmonia não tem segredos para ela.

Nos numerosos concertos que tem realizado, ou em que tem tomado parte, muitos dos quais a favor de obras de beneficencia, alcançou as mais altas distincções, os mais calorosos elogios da imprensa e das sumidades musicas, que a tem escutado maravilhados.

Foi por isso nomeada socia honoraria da Academia de Amadores de Musica, de Lisboa, cujas sessões musicas foram muitas vezes abrilhantadas com a sua magnifica execução, cheia de suavidade e surpreendente de clareza.

Tanto na Capital, como no Porto e em varias cidades inglesas em que se tem feito ouvir com extraordinario agrado, a imprensa teceu-lhe os mais justos e especiais elogios, que os criticos mais exigentes acentuam nas suas publicações.

Temos presentes inumeras referencias á illustre artista, todas exaltando, em palavras escolhidas e entusiasticas, as qualidades excepcionais de que ela dispõe.

Dentre essas elogiosas frases destacaremos,

lhido com entusiasmo, reconhecidas as suas grandes vantagens.

Em poucos anos estabeleceram-se em Lisboa, no Porto e em outras cidades do país, *garages* para a venda de automoveis, algumas delas com oficinas para concertos e até fabricações de *carrosseries*, como a da Companhia Portuguesa Automobilista, produzindo bellissimas carruagens, onibus, *cameons*, etc., em competencia de perfeição com a industria estrangeira,

Além das vantagens que o automobilismo oferece, a moda tambem exerceu grande influencia para a sua generalisação em Portugal, desde que se considerou ser moda e de bom tom o uso do automovel. Muitas familias, mais ou menos abas-



MISS. HILDA KING — HARPISTA INSIGNE

por ser das mais expressivas e autorizadas a do eminente musico inglês, Mr. J. A. Meale, o qual, afirmando o merito artistico de Miss King, diz que «ouvi-la tocar é ter a noção de um mundo novo de encanto. Todo o romantismo do seu predilecto instrumento se revela na sua execução, que é cheia de irresistivel enlevo e eloquencia.»

Parece-nos pelo menos superfluo juntar mais palavras, depois de reproduzir tão conceituosa opinião, que resume de uma maneira elevada a impressão de todos que tiveram a felicidade de escutar esta consagrada executante do mais delicado instrumento.



Exposição Automobilista no Palacio de Cristal do Porto

Salão Automobile

Se houvesse duvida sobre o desenvolvimento que o automobilismo tem adquirido em nosso país, a exposição agora realisaada no Palacio de Cristal do Porto veio atestar o extraordinario exito deste moderno meio de transporte que o progresso trouxe a Portugal onde logo foi aco-

tadas, que se dispensavam de ter trem proprio por ser dispendioso, não hesitaram em adquirir automovel, que não é mais economico.

Se esta corrente automobilista é mais uma imposição da moda, do que uma necessidade da faina de negocios, não o podemos comprovar, o que se sabe, porém, é que Portugal figura muito vantajosamente nas estatisticas automobilistas, onde acusa um dos primeiros lugares em relação á sua extensão e população.

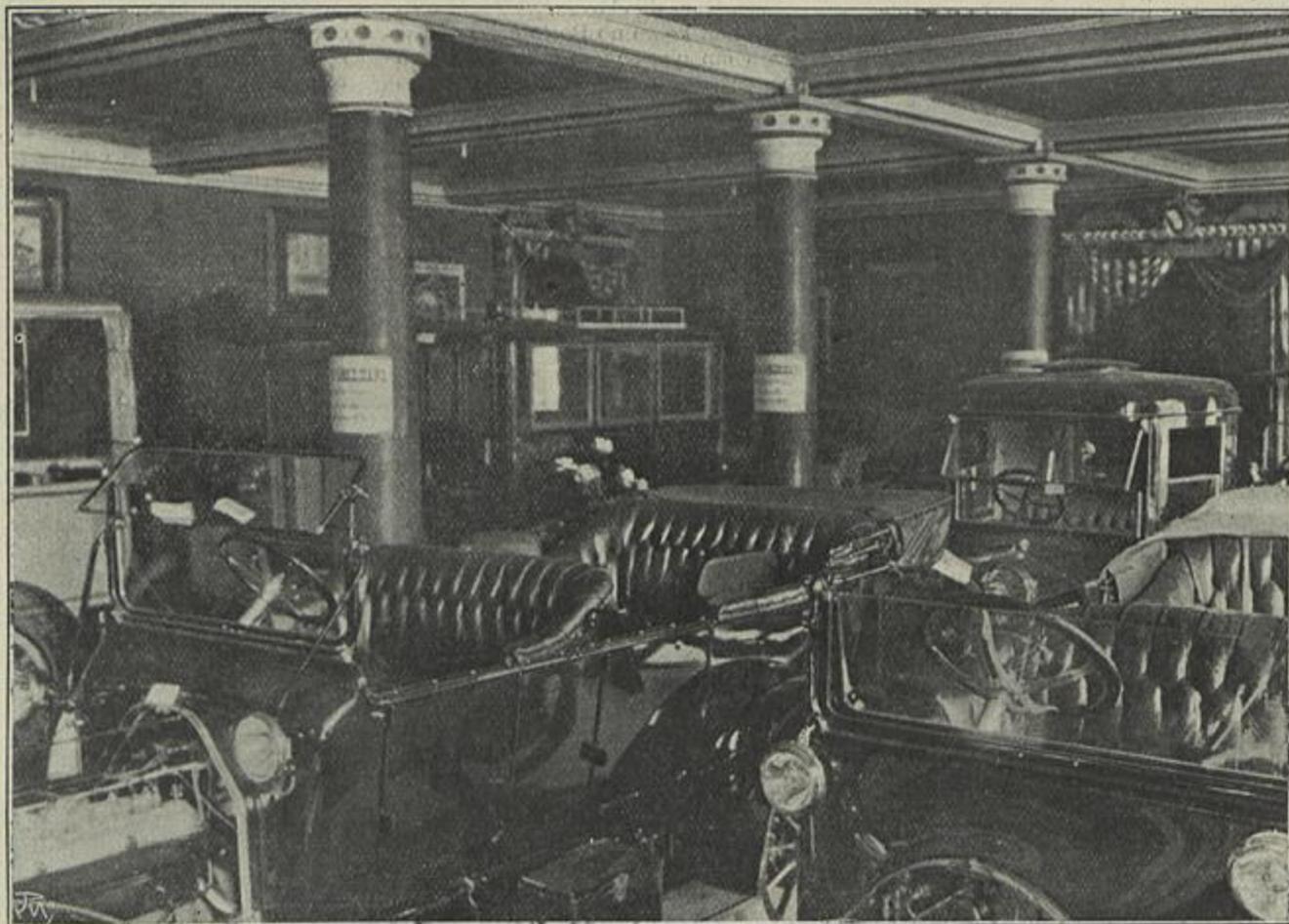
Sob estas boas disposições não é de admirar o notavel exito da Exposição Automobilista na capital do norte, não só pela variada quantidade de marcas que apresentou, mas pelo grande numero de visitantes, que de Lisboa e das provincias, a ela concorreram.

Nada mais interessante para atrair o publico, do que o aspeto da nave central no Palacio de Cristal com as instalações das diferentes fabricas de automoveis, onde se podiam ver e analisar as *carrosseries*, desde as mais suntuosas até ás mais modestas, proprias a satisfazer todas as exigencias do luxo e da necessidade.

Varias eram as marcas que se distinguiam como mais notaveis, as *Benç*, *Mercedes*, *Peugeot*, *Delaunay-Belleville*, *Hupmobile*, *Studbaker* e *Cadillac*, estas tres ultimas pela Empresa Industrial Portuguesa, de Lisboa. Estas marcas são das primeiras americanas e que apresentam automoveis desde o custo de 300 escudos até aos de maior luxo, *Cadillac*.

Exposição Automobilista no Palacio de Cristal do Porto

Salão Automobile



A INSTALAÇÃO AMERICANA DA EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUÊSA



TOMANDO CHÁ NOS JARDINS DO PALACIO DE CRISTAL

Todos de notável solidez e resistencia, desde os *Hupmobile* mais modestos e baratos, os *Studbaker*, medianos, até aos *Cadillac*, luxuosos, de rara elegancia, competindo vantajosamente como melhor marca inglesa universalmente conhecida, *Rolls-Royce*, a ponto dos ingleses chamarem á *Cadillac* o *Rolls-Royce Americano*. Em 1909 e 1913 o Real Automovel Club de Inglaterra, conferiu a sua Taça aos *Cadillacs* em premio á solidez, perfeito acabamento, simplicidade no maquinismo, economia e provada regularidade de andamento.

Estes automoveis americanos competindo com as melhores marcas europeas, custam menos 20%, mercê das excepcionaes condições da industria de um grande país progressivo, como a America, na vanguarda de todo o progresso.

Os carros *Cadillac*, além de possuirem acumuladores elétricos para a *mise-en-marche* automatica, iluminação e alarme, apresentam uma inovação de grande utilidade turista, e de que tem privilegio, qual a de duas multiplicações que se produzem indiferentemente pela simples pressão em uma mola. Por meio deste maquinismo pode obter-se o maximo de velocidade em caminho plano ou em rampa, dispensando quasi o emprego de alavanca de mudança de velocidade. Escusado é encarecer esta inovação, altamente pratica, muito especialmente para países de solo acidentado como o nosso, muito conhecido de nossos automobilistas.

Um dos carros mais admiraveis que a Empresa Industrial Portuguesa apresentou neste certamen foi um *Double-phaeton torpedo Cadillac*, pela sua perfeição e luxo, apreciado por quantos visitaram a exposição, e muito especialmente pelos automobilistas, a quem mais, em particular interessavam as inovações que este esplendido carro apresenta.

E' esta empresa, seguramente, uma das que mais está concorrendo para o desenvolvimento do automobilismo em Portugal, não só com a apresentação de automoveis de luxo, mas com *autos* para passageiros de carreiras, transporte de mercadorias, materiaes, etc.

Importantes foram as vendas que se fizeram durante a exposição, onde o publico teve por onde escolher á vontade e durante alguns dias, foi este o acontecimento que mais interessou os portuenses.

Como nota elegante, as principaes familias da cidade e outras que concorreram de fóra, deram, em uma das tardes, seu *rendez-vous* no Palacio de Cristal e Jardim.

Foi uma tarde encantadora sob a fresca sombra das tiliás, onde se passeou e onde, em mesas dispostas convenientemente, os visitantes se serviram de chá, doces e gelados, em amena conversação, enquanto no corêto a banda dos Voluntarios executava um lindo repertorio. Muitas familias foram de automovel, apresentando este conjunto um aspeto festivo no Palacio e Jardim como poucos ali se tem visto.



PASSEANDO NOS JARDINS DO PALACIO DE CRISTAL

Sociedade de Geographia

4.ª Conferencia do tenente da armada sr. Jayme do Inso

«A Provincia de Timor»

(Concluido do n.º antecedente)

E' difficil ajuizar com relativa segurança ácerca dos recursos naturaes de Timor; entretanto, a maioria das opiniões, confirmada pelo desenvolvimento crescente da riqueza da colonia, vaticina-lhe um ridente futuro.

As culturas tropicaes, como o café, a copra, o cacau e o sandalo, occupam o primeiro logar nas suas produções, havendo ainda fundadas esperanças no futuro da exploração do petroleo, já entregue a tres companhias estrangeiras, em Vessôro, Lacluta e Pualaca. O café occupa hoje o primeiro logar na exportação (mais de um milhão de kilos, no valor de 341 contos em 1912) mas é de esperar que a copra, cuja exportação iniciada em 1902 tende a subir extraordinariamente, venha a ser a cultura de maior futuro.

O rendimento annual do coqueiro é de cerca de 500 réis liquidos por arvore, podendo cada hectare de terreno comportar 400 arvôres. Para as plantações de coqueiros está ainda vaga quasi toda a amplissima região da costa.

O cacau tem apresentado plantações de aspecto promettedor, e será talvez esta a grande cultura da contra-costa.

Além d'estas culturas ricas, ha na ilha varias essencias florestaes,



FORÇAS DE MARINHA DA CANHONHEIRA «PATRIA» DESEMBARCADAS EM BAUCAU



CAMPANHA DE 1912 — O INÇAR DA BANDEIRA NO ACAMPAMENTO DE MAUBISSE

como o pau roza, o pau tinturial, a nita, e parece que a teca; e varias especiarias, como a pimenta, a canella, a noz moscada, o cajú, e até o chá e muitas das culturas do nosso clima, que poderão tornar-se uma parcella importante da exportação. O gado é outra fonte de riqueza da colonia, principalmente o bufalino e cavallar, este de exemplares pequenos e bem conhecidos; pelo arrolamento de 1912, o primeiro feito na colonia, o valor total do gado era estimado em 1.984:876 patacas mexicanas, ou sejam cerca de 1:000 contos.

O valor total do commercio nos annos de 1910, 1911 e 1912 foi respectivamente de 921,909 — 985,339 — 1.072,742 contos.

Sob o ponto de vista commercial, Timor é uma dependencia das colonias hollandezas visinhas, que em 1912 lhe absorveram 65 % do commercio total, emquanto que a Portugal pertenceu apenas 4,1 %.

Em 1912 havia seis empresas para a exploração agricola de Timor, que se presta ainda a valorisar muito maiores capitaes. Para isso torna-se necessario garantir a propriedade, mantendo forças militares permanentes, independentes dos arbitrios variaveis dos governadores, e melhorar os meios de comunicação e transportes, quer externos quer internos. Ainda não ha telegrapho. Já ha tempos, um telegramma do Governo levou 42 dias a chegar a Timor!

Hoje já se pensa em estabelecer uma estação de telegraphia sem fios em Timor, divergindo as opiniões quanto ao local onde ella deve ser installada, mas razões de ordem politica e de segurança interna, aconselham que se escolham as proximidades de Dilly para montar a estação, apesar do pequeno augmento de despez que esta escolha acarretaria, por se tornar necessaria uma installação mais potente devido á interposição das montanhas da costa Sul.

O clima é mau no litoral onde predomina o impaludismo, mas no interior, montanhoso, e onde chega a fazer-se sentir o frio, é benéfico para o europeu, como se observa frequentemente em Dilly no aspecto dos europeus que voltam das plantações.

Ha em Timor paysagens verdadeiramente bellas, nmas mimosas como jardins da Natureza, outras de aspecto grandioso, abrupto, selvagem.

Reproduzirei aqui alguns d'esses traços que imperfeitos desenhei á vista, servindo-me de palavras mal coloridas.

«Era ao largar de Baucall: a manhã fresca e deliciosa deixava ver a imponente montanha de Kelikai recortando-se nitida no ceu.

Que natureza caprichosa e selvagem!

Um corte abrupto na rocha despenha-se a prumo n'uma altura

de mais de 200 metros; são rochas phantasticas erguendo os pincaes ao ceu.

Mas surgiu o sol radiante de luz sobre o Oceano, deixando apreciar um esplendido raio verde, e nós já vamos singrando a caminho de Manatuto. Na encosta de Baucall, no alto por entre o arvoredado, descobre-se a *Tranqueira*, o *Palacio*, e mais a W. a casa *lulic*, e junto d'ella a arvore *lulic* onde se penduram as cabeças trazidas da guerra.

O scenario é soberbo, e em baixo junto á praia, os renques dos coqueiros, altos, esgarçados, dão uma nota de tristeza, d'aquella tristeza que, não sei porque me agrada, e sempre tenho encontrado nas palmeiras.»

Essa Natureza rica e bella, pede homens de energia, e protecção de capitaes; appareçam elles, que devassados hoje os mysterios tenebrosos em que se envolviam as lendas de Timor, poderemos finalmente ver surgir d'aquelle inferno, um verdadeiro paraíso...

Terminei a serie de conferencias que me propuz realisar sobre esses pedaços do nosso velho Oriente: Macau e Timor.

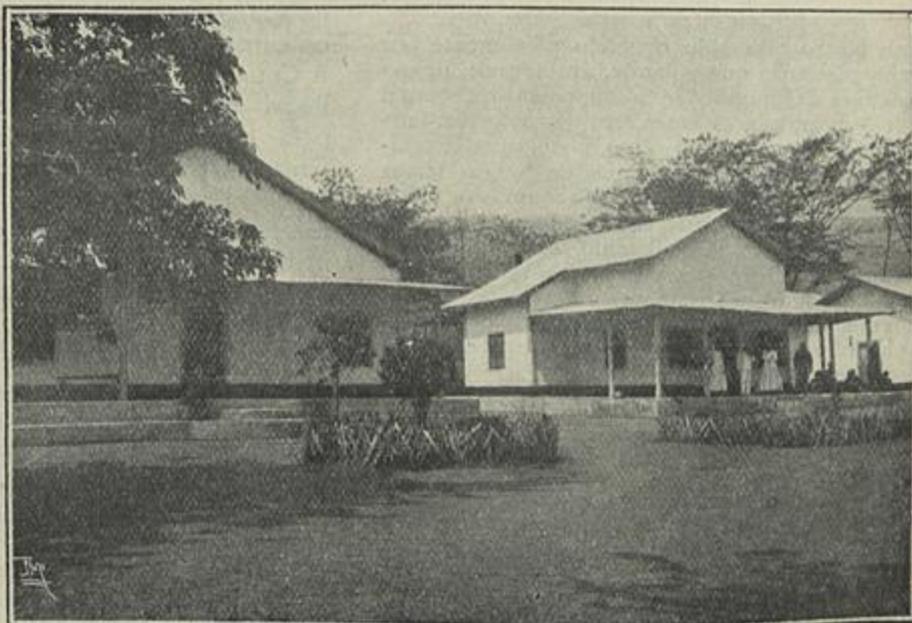
Macau e Timor! E' tudo o que nos ficou d'essa epopeia immensa escripta no Extremo Oriente com sangue de heroes, em aventuras que a gente hoje quasi recusa acreditar.

N'esta rapida digressão pelos restos d'essa epopeia innegualavel, faltou-me aportar á terra que foi rainha da nossa grandeza de Alem-Mar: a India!

A India, a India dourada, a dos nossos Vice-Reis, cheia das pompas dos Rajahs, que nos deu tamanhos feitos e venturas, e naus abarrotadas de riqueza. Não a vi, a nossa India, de que só conheço algumas tradições, mas se ainda lá fôr e voltar, tenciono se puder, vir aqui mais uma vez e fallar d'ella.

Não que as minhas palavras possam descrevel-a, ainda que pallidamente, como ella foi nos seus dias de triumpho e fulgor; mas é que lembrar prestando culto, tantas glorias, grandeza e poesia como na nossa Historia se offerece com majestade, e um dever que se cumpre boamente, tanto a imagem do passado nos toca o coração!

Ao terminar a sua conferencia, foi o sr. tenente Jayme do Inso muito cumprimentado pelo seu consciencioso trabalho cheio de curiosissimas informações tanto mais interessantes, quanto o



COMANDO MILITAR DE HATE-LIA

que em geral se conhece ácerca da nossa colonia de Timor é pouco mais que nada.

Apresentou depois uma variada colecção de projecções, quasi todas inéditas, sobre aspectos e costumes de Timor, e phases da campanha de 1912, algumas curiosissimas, como um aspecto das pedras de Ossuquelli, no paiz de Kelikai, uma região selvagem que tambem se revoltou, e por onde andaram marinheiros desembarcados da canhoneira *Patria*.



Pelos teatros

Coliseu dos Recreios

Actualmente, trabalha no Coliseu dos Recreios a brilhantissima companhia italiana de operacomica e opereta «Sconamiglio-Caramba» que conta no seu elenco de arte elementos de incontestavel valôr. Nas ultimas semanas, esse vastis-



MARIA IVANISI

simo teatro tem sido ocupado plenamente por uma assistencia que aplaude, em frenesi, numerosissima. O publico e a imprensa receberam com louvôr, tantas vezes, em outros casos, imerecido, e agora, em absoluto, justo, uma companhia de teatro excelente que de longes terras vêem estasiar de encanto, em requinte as fibras mais delicadas da nossa sensibilidade. O seu programa, por certo, já conhecido do frequentadôr assiduo nestas épocas, e *dilettanti* do Coliseu, é executado maravilhosamente, com uma côr e movimento, tão justos e ao mesmo tempo quasi desconhecidos, que chega a dar-nos a impressão de novidade...

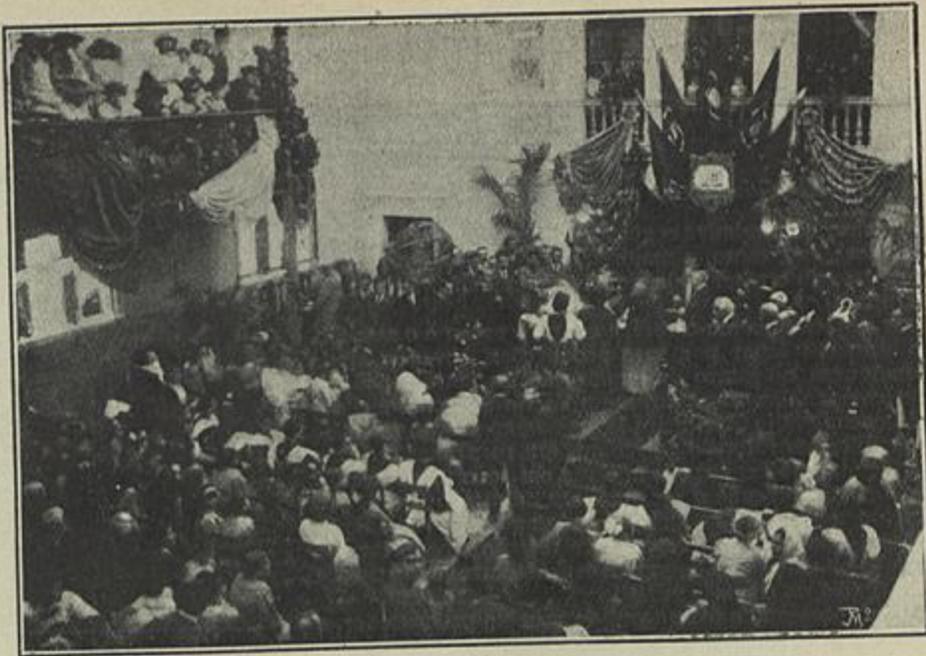
A Companhia conta no seu elenco elementos artisticos de grande valôr.

Maria Ivanisi, cantôra e actriz dum alto e bem elançado talento.

Stefi Csillag, viva, azouga, espirituosissima, o demonio-vivo, em saias, da opera-comica.

Enrico Borghese, delicado, inteligente, irresistivel de graça.

A orquestra, sob a direcção do maestro Vincenzo Belleza, é merecedôra dos maiores aplausos, pela correcção e expressão inexcitaveis que a distinguiram sempre inconfundivelmente.



MISERICORDIA DE LISBOA — DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS ÁS CRIANÇAS

Realisou-se na Santa Casa da Misericórdia uma festa que por certo muito teria sensibilizado a assistencia numerosissima que a ela concorreu. Na sala das extracções da loteria, houve sessão solene, a que presidiu o sr. dr. Bernardino Machado, secretariado pelos srs. ministro da instrucção e governador civil. Fez-se uma longa e valiosa distribuição de premios ás crianças que no decurso do anno 1912-1913 revelaram maior robustês e melhor tratamento. Os premios foram de diversa categoria, desde 20 até 8 escudos, sendo todos eles conferidos em meio do mais elevado entusiasmo.

E' pois, merecedora do maior elogio a Santa Casa da Misericórdia, á frente da qual, num lugar proeminente, se conta o sr. dr. Pereira de Miranda.



Heloísa e Mariana

(Continuado do numero antecedente)

Heloísa nascida em Paris em 1107 e Abeilard em Palet, junto a Nantes, em 1079, são os herois de um drama de coração que tocou as raias da tragédia. Heloísa, orfã desde tenra idade, foi tutelada de seu tio, o cônego Fulbert, que procurou fazer, da sobrinha, uma verdadeira erudita. Aproveitando-lhe as disposições para o estudo e a singularidade de inteligencia, iniciou-a nos segredos das matematicas, filosofia, teologia, historia, latim, grego e hebraico.

Tal erudição se, para a mulher, na época actual, seria notavel, no seculo XII, era um verdadeiro portento. Periodo de aventuras guerreiras e de espirito inculto, nesse tempo, a sciencia era bagagem de raros e se, no homem, embora exercendo cargos eminentes, a ignorancia era vulgarissima, na sua companhia, era tão familiar como os cuidados domesticos.

Convidado para mestre de Heloísa, foi, Pedro Abeilard, o grande filósofo formado pela Faculdade de Paris e discipulo de Santo Anselmo. Destinado á carreira das armas, preferiu a das letras e, não contente em se enriquecer com uma vasta e profunda erudição, aos 22 anos, abriu escola e ensinou com notavel proficiencia.

De todos os pontos, corriam discipulos para se instruir com tão sábias lições e Abeilard teve a gloria de se vêr rodeado de admiradores e de fervorosos sectarios da sua doutrina, que tinha em vista conciliar as duas escolas rivais, — a nominalista de Roscelin e a realista de Guilherme Champeaux.

Teve impugnadores, contudo, a orientação de Abeilard, que encontrou, em S. Bernardo, um temível antagonista e, nos concilios de Soissons e de Sens e, mais

tarde, no papa Inocencio II, uma formal condenação.

Declaradamente racionalista, procurou submeter a fé aos processos da intelligencia e, daí, o seu divorcio com o credo religioso que, afinal, foi substituido por um inteiro arrependimento a que o levou Pedro Veneravel, abade de Cluny, congregando-o, assim, não só com as doutrinas da Igreja, como com os seus adversarios que, regateando-lhe adesão e ocupando-se da sua obra, lhe prestaram homenagem de apreço.

Reduziu-se o mestre aos atractivos da discipula, como esta á admiração e profunda simpatia pelo seu mestre. E' a natural atracção para o belo, para o ideal, quer êle se concretize nas graças feminis,



TUMULO DE HELOISA E DE ABEILARD, NO CEMITERIO DO PÈRE LA-CHAISE, EM PARIS

quer se revele sereno e empolgante nos fulgores do talento e do saber.

O ríspido Fulbert não aceitou, porém, os amores de sua sobrinha com o jovem filósofo e moveu-lhes guerra atroz. Heloísa, para evitar as iras de seu tio, foge para a Bretanha com o amante e, aí, legitimando a sua união, procura aplacar a colera de Fulbert que, parecendo resignar-se, a princípio, vem a exercer crudelíssima e traiçoeira vingança no desventurado Abeilard, mutilando-o horrorosamente.

Depois deste tragico e desumano acontecimento, separam-se os dois esposos, indo Heloísa para o mosteiro de Argenteuil e Abeilard para o de Paraclete, por êle fundado. O infeliz filósofo, vítima do mais profundo desgosto, veio a falecer na abadia de Saint-Mariel, em 1142, sobrevivendo-lhe a pobre Heloísa, 22 anos de acerba máguia, morrendo em 1164.

Em túmulo magnifico de estilo gótico, repousam no cemiterio do Père La-Chaize, em Paris, retiradas das suas primitivas sepulturas, as cinzas reunidas destes dois desgraçados amantes, encontrando, enfim, nesse leito de mármore, o seu tálamo, a paz que nunca tiveram em vida, além da merecida homenagem do povo francês que, levantando-lhes esse imponente mausoleu, bem manifesta a simpatia e apreço que as suas memorias lhe merecem.

Todavia, ás inclemencias do tempo, nada escapa. As elegantes e artisticas pedras desse funebre monumento poderão derruir-se e as cinzas que, religiosamente, guardam perderem-se levadas pelas azas dos ventos ou, definitivamente, absorvidas pela terra que lhes deu o sêr, mas outro monumento mais perduravel ficará, levando, até o confim dos séculos, a noticia e os elementos de apreço desses dois vultos tão célebres pelos seus talentos como pelos seus amores e desventuras — as *Cartas...* as inolvidaveis *Cartas de Heloísa e Abeilard*, primores de intelligencia e joias de sentimento.

(Continúa.)

DAMASCENO NUNES.



O MEZ METEOROLOGICO

Maio, 1914

Barometro — Max. 771^{mm}.2 em 10.

Min. 758^{mm}.8 em 15.

Termometro — Max. 28°.8 em 21.

Min. 10°.2 em 11.

Chuva — 4^{mm}.8 em 5 dias, uma das minimas quantidades observadas neste mez.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 16 dias. Ceu nublado 14 dias. Ceu encoberto 1 dia.

Horas de sol — 315^h.12.

ANGOLA

«Sob a denominação de Angola — primitivamente N'Gola, appellido do rei do Dongo, quando os portuguezes ali chegaram, em 1482 — comprehendem-se, os territorios, que descobrimos, occupámos e explorámos, achando-nos em contacto com povos de que, na Europa, não havia a menor noticia. Foram realmente os portuguezes os primeiros que aportaram a estas regiões, inteiramente desconhecidas e isentas de qualquer influencia estranha.»

DR. MANUEL FERREIRA RIBEIRO
— *Descripção Physiographica da Provincia de Angola.*

Almada Negreiros, no curioso e interessante livro *Les Colonies Portugaises (Etudes Documentaires — Produits d'Exportation)*, dá esta definição de suggestiva realidade:

«L'Angola représente, pour les Portugais, plus qu'une espérance coloniale: C'est une réalité tangible de tout ce que peut donner un effort national de plusieurs siècles de lutte. Colonie commerciale, en même temps qu'agricole, ce vaste territoire, au sol fertile et assimilateur, tient en réserve, à la race qui le possède, un vaste champ d'activité, où toutes les forces du génie portugais ont sen jeu et peuvent librement se donner carrière. Il s'agit de la colonisation d'un véritable monde, car l'Angola, — 14 fois plus grand que le Portugal; 2 fois et demie la superficie de la France, — possède, à la fois, des colonies de peuple-ment, sur les hauts plateaux salubres; des comptoirs commerciaux, sur le littoral; des établis sements pénitentiaires, dans divers endroits; et des colonies agricoles, dans la région située entre les hauts plateaux et le littoral, — là où un substratum propice du sol encourage et fait fructifier les moindres tentatives de ce genre.»

Por me parecer de bom cabimento n'este logar não hesito em inserir agora a passagem seguinte do relatório do antigo ministro da marinha, Antonio Cabral, com segunda leitura em sessão da camara dos deputados, de 23 d'abril de 1909:

«Movimento commercial da provincia de Angola:

1900	13.136:8488157
1901	8.429:2658792
1902	5.889:9278905
1903	10.588:1918454
1904	12.482:7958074
1905	11.009:4938992
1906	10.556:4788029
1907	11.984:5328911

A depressão, começada a manifestar se em 1901 e mais accentuada em 1902, foi determinada pela revolta do Bihé e Bailundo e a correspondente acção militar necessaria ao restabelecimento da ordem e subsequente depressão no commercio do interior. Depois de 1903, as oscil-



VIADUTO DO VALLE DE ZOUDO
NO CAMINHO DE FERRO DE AMBACA A LOANDA

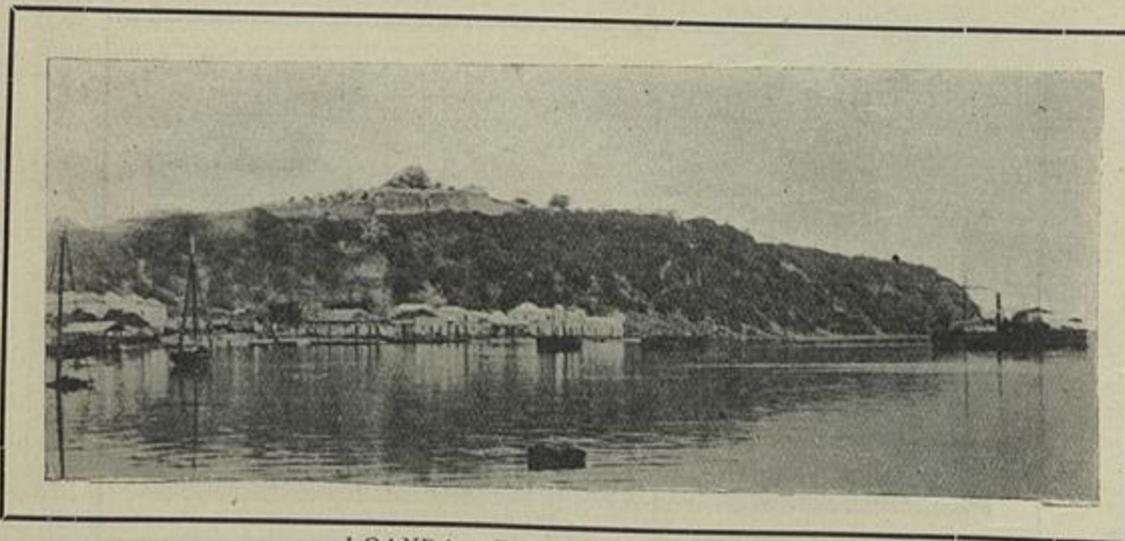
lações nos valores geraes do commercio reflectem quasi sempre a depressão nos valores dos principaes generos de exportação da provincia, designadamente da borracha e do café.»

Antes de proseguir, necessario é recordar desde quando nos pertence Angola, ou, melhor desde quando a descobrimos, visto que, muito verdadeira se apresenta a linguagem do distinto professor da Escola Naval, Vicente Almeida d'Eça, na bela conferencia da Sociedade de Geografia, em 6 de novembro de 1901:

«Ao norte fomos até S. Salvador e retirámos depois. Na costa o Ambriz foi occupado na segunda metade do seculo que findou, e d'ahi até ao Zaire nada tinhamos. Do Ambriz a Loanda nem sequer se podia ir pela beiramar, porque o Mossulo não consentia. Para o interior só ao longo do Quanza subimos algum tanto a partir do seculo XVII, não indo mais longe que Pungo Andongo. De Benguella para o sul nada possuíamos, e foi preciso esperar por Sá da Bandeira para se occupar Mossamedes.»

Foi descobridor da primacial das possessões portuguezas da costa occidental africana, designada como reino d'Angola no Decreto de 1 d'abril de 1688, o celebre Diogo Cão, a quem Garcia de Resende (*Chronica de El-Rei D. João 2.º*, vol. 2.º — Bibliotheca de Classicos Portuguezes) n'estes termos se reporta:

«No anno de mil e quatrocentos e oitenta e cinco, desejando El-Rei o descobrimento da India e Guiné, que o infante D. Henrique seu tio primeiro que nenhum Principe da Christandade começou, mandou no dito anno sua frota á dita costa, armada e provida para muito tempo como cumpria, e como capitão mór d'ella mandou Diogo Cão, cavalleiro de sua casa, que outra vez já lá fôra por seu descobridor. O qual indo pela dita costa com assaz perigo e trabalho, foi ter com a dita armada ao rio de Manicongo, que é um dos grandes que no mundo se sabe d'agoa doce, que é de largo duas legoas, e de alto em toda a boca e muito dentro setenta braças, e dizem que entra pelo sertão trezentas legoas, e que traz tanta força que pelo mar faz corrente ao longo da costa cincoenta legoas, o qual rio e terra de Congo é de Portugal mil setecentas legoas,



LOANDA — FORTALEZA DE S. MIGUEL

onde por ser tão longe da outra terra de Guiné já descoberta não se poderam entender com a gente da terra, e levando muitas línguas nenhuma entendia, não sabia aquella linguagem. O qual capitão por assegurar a gente da terra e lhe terem boa vontade, determinou de mandar ao Rei da terra que estava longe pelo sertão, um presente, o qual lhe logo mandou por certos christãos, de muitas cousas, desvariadas umas das outras, e lhe mandou dizer como a dita armada era de El-Rei de Portugal, que com todo o mundo tinha paz e amizade...»

Vê-se, pelo início do trecho precedente, que Diogo Cão fôra descobridor em período anterior ao ano de 1485.

Quantas viagens, pois, levou ele a efeito?

Esta pergunta já está esclarecida e satisfeita com inabalável critério por Alexandre Magno de Castilho, ha anos falecido, na segunda das excellentes memorias ácerca dos padrões dos nossos descobrimentos na Africa, por ele apresentadas á Academia das Sciencias de Lisboa em 1869 e 1871, respétivamente.

Ouçamol-o:

«Duas foram ellas. Não podemos afirmar que o illustre mareante fosse *capitão-mór* na primeira, por ignorarmos se foi então mais de uma embarcação; no caso affirmativo era *capitão-mór*, no negativo, era o capitão da unica embarcação. Da segunda sabemos nós que foi *capitão-mór*.

Primeira viagem — Partiu em 1484. Foi á Mina, e d'ahi aos cabos de Lopo e Catharina. Descobriu d'ali para o sul até ao Zaire, onde mettu o padrão de S. Jorge. Achando rio muito soberbo, tendo tido comunicação com aquellas gentes, ouvindo fallar tanto da grandeza do seu rei, etc., mandou a este os emissarios para irem e voltarem, e por fim pegou em quatro pretos com os quaes se partiu para o reino, prometendo aos



LOANDA — RUA SALVADOR CORRÊA

Aspectos do progresso

A Hora legal e a notação do correspondente meridiano nos Postos

Um eutemismo

Inaugurou-se, recentemente, em modesta fabrica architectonica, assentando no recinto ajardinado com que se borda o edificio — séde dos

ternacional da hora» versando sobre a mudança de meridiano, e assinalando as vantagens consequentes da transmissão dos signaes horarios pela telegrafia sem fio.

Não se trata de assinar uma hora *universal*, o que é de ponto impossivel, posto ser o sol o grande regulador. Foi, por isto, que o Instituto Astronomico do Canadá propoz dividir a terra em 24 fusos, traçando-se meridianos de 15 em 15 graus em relação a um determinado meridiano, e adoptando-se a mesma hora em cada um desses fusos. Nestes termos, entre quaesquer dois fusos, a diferença acusa-se por um numero exacto de horas.

A escolha do *meridiano-origem*, para applicação do systema, embaraçava-se em susceptibilidades, debatendo se se devia ser o meridiano de Paris, se o de Greenwich. Prevaleceu que fôsse este, para a applicação do systema dos *fusos horarios*, aos quaes correspondem designações especiaes, contando-se quatorse, para notar as *horas* que mais se empregam.

Advirta se, porém, que o meridiano de Greenwich — como *central* e assinado zero grau — foi, n'aquelle Congresso, adotado pela maioria das nações, e não pelas 36 que n'ele estiveram representadas.

Convencionou se que as 24 horas do dia seriam distribuidas regularmente pelo systema dos 24 fusos horarios, dos quaes, o primeiro, a Oeste, seria regulado pelo meridiano de Greenwich. Cada fuso difere, portanto, do que lhe fica contiguo, uma hora certa. A cada um deles corresponde uma hora, ou 15 graus de longitude; e assim os 24 fusos compõem os 360 graus da circumferencia do globo.

A todos os pontos da terra, comprehendidos no mesmo fuso, corresponde, em qualquer instante, a mesma hora que a do meridiano central do notado fuso.

Passando deste para o fuso contiguo de Oeste, o avanço, no tempo, é exactamente uma hora; e pelo contrario, ha o atrazo duma hora em relação ao fuso de Leste.

Mas convém ter em vista que, tornando-se uni-



LOANDA — ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

que ficaram que tornaria com aquelles antes de decorridas 15 luas ou mezes.

Tendo durado 19 mezes a segunda viagem, em que foi M. Behaim, e havendo esta acabado em abril ou maio de 1486, é forçoso que tenha principiado em setembro ou outubro de 1484.

Se, partindo d'essa base, quizermos estabelecer os limites da primeira, e pretendermos ainda invocar o testemunho da *Chronica* de Nuremberg, de Hartman Schedel, suppondo porém que os vinte e seis mezes de que ella falla foi a duração das duas viagens de Cam, poderemos fazel-o, visto ficarem para a primeira 9 mezes, e não dever ella ter sido de mais de 7 (os 26 de Schedel menos os 19 que segundo Behaim durou a segunda). Quanto ao intervallo entre a volta da primeira e o começo da segunda, muito curta dever ser visto o empenho que elrei tinha de que não faltasse Cam á promessa que fizera aos habitantes das margens do rio do Padrão.

Temos pois: 1.ª viagem. Começada em principios de 1484 e acabada em agosto ou ainda setembro d'esse mesmo anno. Descobrimto do rio do Padrão. Collocação do padrão de S. Jorge.

(Continúa.)

D. FRANCISCO DE NORONHA.

A resignação é a virtude dos fortes.



LOANDA — RUA DA ALFANDEGA

versal a adopção do systema dos fusos horarios, os relógios e os pendulos accusarão em todo o mundo o mesmo segundo.

Breves indicações são estas que nos acudiram ao pensamento e aqui trazemos a proposito do estabelecimento, na marginal do Tejo, daquelle Posto indicador da contagem do tempo.

Sobre o friso da singela fabrica e encimando o relógio, figura o rotulo em que se lê:

Hora legal
T. m. de G.^o

Explanando, pendemos em admitir maior evidencia nos termos, e logo mais significativa, numa ampliação, para mais geral entendimento. Por isso diríamos:

Pela convenção internacional de 1884
Hora legal
Tempo médio (do Observatorio)
de Greenwich

Nem seria, desacerto, insculpir numa das faces do edificio do Posto, a Carta dos 24 fusos horarios.

A adopção do meridiano de Greenwich para marcar a *hora legal*, leva-nos a dizer que teria, por isso mesmo, todo o cabimento colocar no «moderno jardim do Caes do Sodré» o *quadrante solar*, que, em tempos, se oferecia ao centro da praça onde hoje se levanta o monumento ao Duque da Terceira. São obvias as razões que tal lembram; e até mais interessantes, sob varios pontos de vista, os motivos que justificariam uma resolução da Edilidade lisbonense neste sentido.

Essa resolução até lograria responder com uma certa eloquencia, á censura que, ainda em 1912, feriu esquecimentos do Observatorio de Paris, e a qual apelou para os fortuneiros, incitando os a dotarem o mesmo Observatorio com a oferta dum quadrante que accusasse a hora de Paris.

Apontada a restituição d'aquelle quadrante solar, ao citado trecho da orla tejana, não esqueceremos que o «problema da hora» implica a *determinação d'esta*; o que só se consegue pelos processos astronomicos.

E rematemos com a seguinte elucidativa observação:

Referindo se a *hora legal* (hora da Europa occidental) ao meridiano de Greenwich, vem a proposito fixar que ele está 36.^o 44',68 a Este do Centro do Observatorio astronomico de Lisboa, situado na Tapada da Ajuda.

E porque assim é, já occorreu dizer se que o caso da hora legal envolvia um eufemismo.

Pelo Observatorio astronomico de Lisboa se estabelece, aqui, a *determinação* a que acima aludimos; por ele é regido o serviço dos signaes, horarios, para o qual a radiotelegrafia oferecerá com o seu desenvolvimento, uma admiravel colaboração.

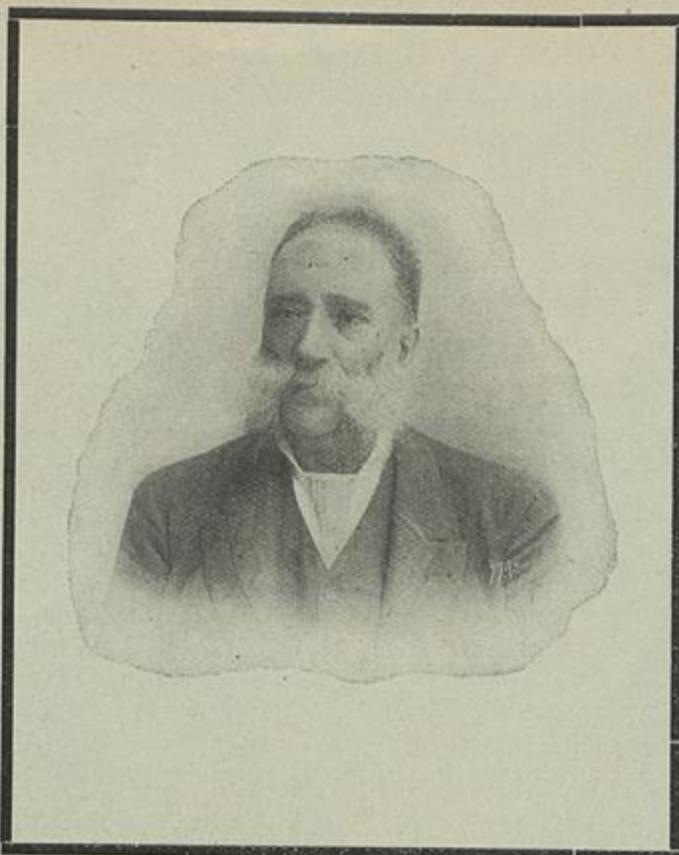
F. JULIO BORGES.

NECROLOGIA

Antonio José Gomes Neto

Dia 17 do mês corrente, surpreendeu-nos a noticia, por Lisboa, em fóra, rapidamente propagada, do falecimento do muito conhecido e muito respeitado homem-de-negocios, e riquissimo proprietario, que foi Antonio José Gomes Neto.

Homem dotado de grande actividade, tornou-se uma figura de destaque no nosso meio commercial. De aspecto rude, a sua bondade era, entanto, sempre acolhedora. Ha pouco tempo, dias antes da sua morte, tivemos nós conhecimento dum incidente meramente ocasional que pôs mais uma vez, em evidencia, a sua indole compassiva, delicada e sem espectacularidade. Na Rua das Amoreiras, Diogo Neto, nosso amigo e aluno distinto, buril fino e firme, na nossa antiga officina de gravura em madeira, foi prostrado, de subito, por um ataque de *angina pectoris* que o victimou em breves horas, como aqui noticiámos. Pois, Antonio Gomes Neto, que ali passava, recolheu o carinhosamente no seu automovel e contribuiu para que se lhe fizesse um tratamento rapido, que infelizmente não teve eficacia. Mal diríamos nós e mal diria Gomes Neto, que a breve trecho ele-proprio seguiria tambem na marcha triste da morte...



ANTONIO JOSÉ GOMES NETO

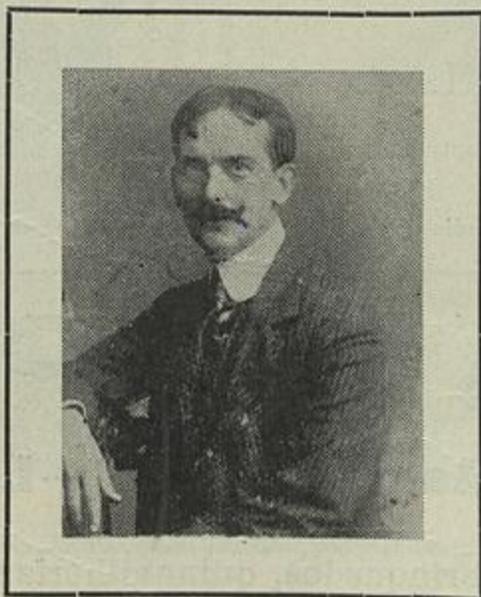
Assim se prova, e muitos outros factos identicamente confirmativos poderíamos talvez apontar, que a sua feição moral, em apparencia, rude, se suavizava em presença do sofrimento alheio.

Era natural de Ovar, onde nasceu por 1836. Os seus principios de vida foram um modesto emprego de caixeiro na empresa de navegação, agencia de Chambica & Conçalves, no Caes do Sodré. Inteligente, pertinaz, laborioso — da situação mais humilde guindou-se a uma condição altissima, possuidor duma avultada fortuna e credor da consideração e estima dos seus concidadãos e consocios.

Por um acurado esforço e sagacidade, supria falta de estudos classicos que não obteve. Fez parte de muitas empresas e companhias onde occupava sempre logar proeminente, todas elas relevantemente conceituadas no espirito publico. Foi presidente da Companhia das Lezírias, administrador da Empresa Nacional de Navegação e director do Banco de Portugal. Desempenhou com proficiencia o cargo de vereador da Camara Municipal de Lisboa e teve por vezes assento na Camara dos Deputados. Ultimamente, apesar de velho e rico, nunca renegou o seu amigo de sempre — um trabalho denodado e indefesso.

Enviuvara, ha pouco tempo, de D. Rosa Maria Gomes Neto. Aos parentes e amigos, e especialmente aos seus filhos que lhe assistiram piedosamente nos ultimos momentos — daqui enviamos a expressão das nossas mais sentidas condolencias.

Sem duvida, a noticia do falecimento de Antonio Gomes Neto causou no nosso meio uma



CHAGAS FRANCO

funda sensação de pesar. A casa do extinto, deixaram cartões de pesames personalidades de grande representação social.

Tambem, á familia do falecido, foram remetidos telegramas de sentimento de alguns chefes politicos — e do venerando Presidente da Republica Portuguesa.

E' que, na verdade, Antonio José Gomes Netto, impunha-se, pelos seus dotes de caracter e intelligencia, á consideração de todos

O RESGATE

POR

Chagas Franco

Em primorosa edição de Guimarães & C.^a, acaba de apparecer um soberbo romance — *O Resgate*.

São 528 paginas de compata composição, n'um estylo despreocupado, alegre e ironico, em que Chagas Franco — que temos a honra de contar entre os nossos amigos — nos dá bem flagrautes scenas da vida portugueza, ou, melhor dizendo, da vida alfacinha. Embrenhando-se na vida politica dos ultimos tempos da extincta, Chagas Franco apresenta-nos magnificos tipos de politicos e meninas affectas ao soberano exilado. Não é petisco para gregos e trojanos, porquanto, expendendo desassombadamente e sem perigo, agora, as suas patrioticas e sincerissimas ideias de bom republicano, tem bem talhadas carapuças aos affeioados do extincto regimen.

Conselheiro Florencio, Carlos Mendonça, Laurindinha, as Casquilhos, são personagens bem estudadas, caracteristicamente portuguezas, mórmente Carlos Mendonça, prototypo do homem que desce a ponto tal, que chega a ser um desclassificado de caracter, de pundonor, de brios e de honra.

Em compensação, Helena, o quintanista Girão, o poeta Hamilton, etc., são insinuantes figuras.

E' um bellissimo estudo da politica dos ominosos tempos que gira em volta de um interessante fio de intriga muito bem conduzido, concluindo pelo *resgate* — a implantação da Republica.

Todos os vinte e tres capitulos que constituem o romance têm o cunho de um bom escriptor, e são soberbos de verdade, de bom sonso e de naturalidade os capitulos que passamos a resumir:

I — *O regicida; o panico; os politicos; D. Manuel, idolo das senhoras; a legião azul; as reliquias.* V — *A primeira nuvem; marido deputado e mulher explorada; mentiras e hypothecas; o tentador; Hei de fazêl-o ministro.* VIII — *Helena, a protagonista; a Laurindinha; as festas do Quellas e a congregação dos Anjos; a grande feira; um roubo; o baile na embaixada d'Austria e as joias emprestadas.* XIII — *Fala-se na Revolução; o malogro do 28 de janeiro; reclama-se um Messias.* XVIII — *A nova Lisboa; O Brazil contemporaneo; a litteratura braztleira e de XXI a XXIII — A Revolução; suas causas, particularidades, episodios inéditos; nos quartéis, na Rotunda, no Tejo, nas ruas, nos arrabaldes da cidade; a noite tragica; justificação historica da Revolução.*

Por este simplificado resumo se comprehende que o *Resgate* deve ser lido d'um folego, como nós o fizemos.

Chagas Franco já não é um novo nas letras, pois com Americo Olavo já publicou um volume de contos — *Dentro da vida*. Patriota, republicano cheio de fé, tem primorosos artigos na imprensa sobre defeza nacional e outros assumptos de interesse patriotico.

E', pois, com verdadeiro jubilo que fazemos esta ligeira e desprerenciosa referencia ao seu mais recente trabalho e publicamos o retrato de tão illustre varão, aproveitando a oportunidade para agradecer-lhe os exemplares que tão gentilmente nos offereceu.

VIII—YI—CMXIV.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

A belleza do homem classifica-se força. Na mulher chama-se simulação.

O Comercio do Porto

Recebemos o n.º 129 deste velho e glorioso jornal, que se publica na capital do norte. E' nos grato saudar, no sexagenario da sua publicação, este campeão denodado das lides de Imprensa, que ele tem sabido honrar, inspirando-se nos principios da Verdade, seguindo os dictâmos da Justiça, acompanhando os progressos da Sciencia, collocando-se, incondicionalmente, sempre, em defeza corajosa da Liberdade.

A sua prestigiosa reputação originou-se e firmou-se, mais e mais, no modo criterioso e pundonoroso como soube defender os interesses do Comercio, da Agricultura e da Industria.

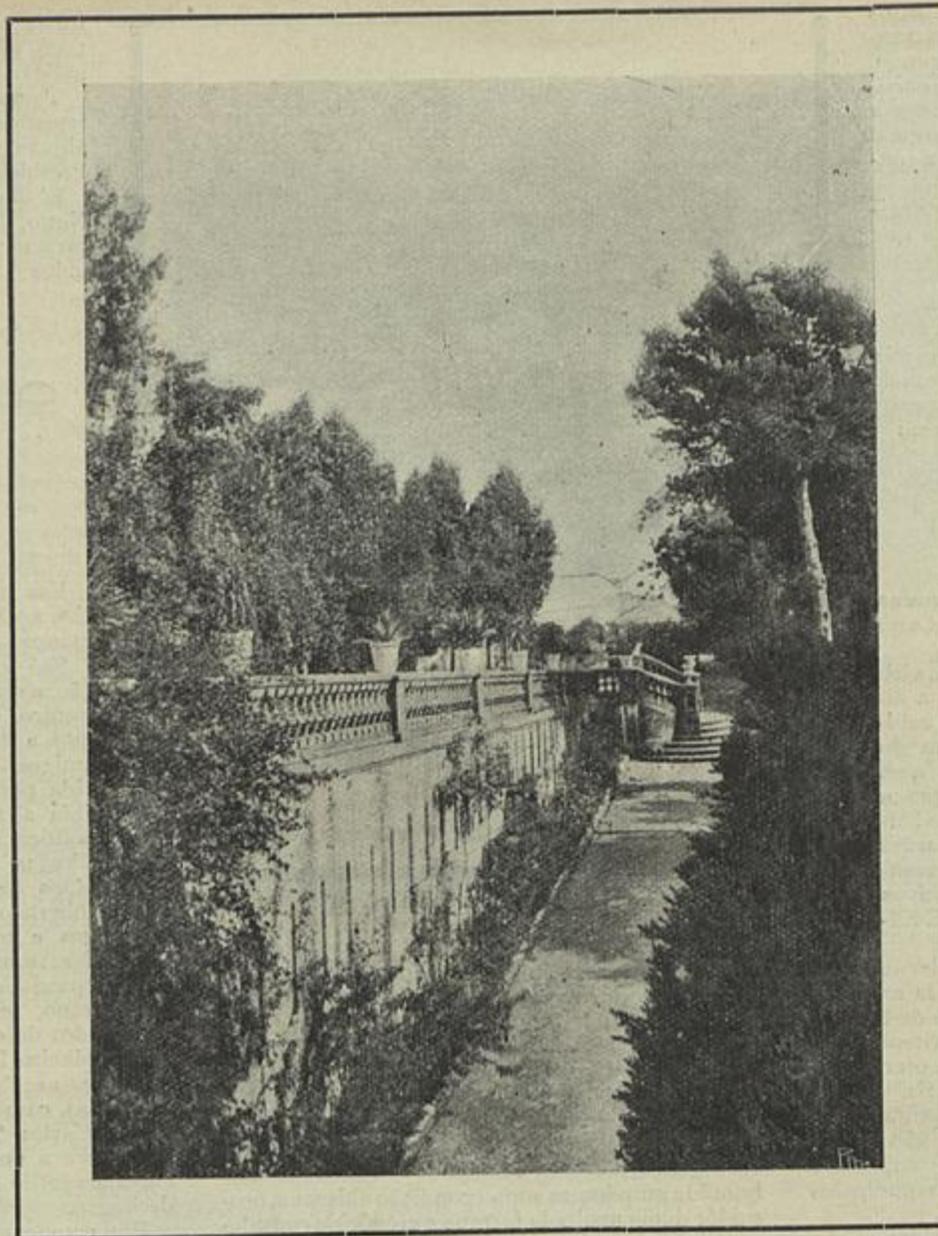
Este numero, que temos presente, comemorativo do ano primeiro da sua publicação, estampa, além de uma formosa alegoria da faina commercial da cidade do Porto, os retratos dos seus fundadores: H. S. de Miranda, M. de Sousa Carqueja e F. de Sousa Carqueja. E' seu directôr, editôr e proprietario, B. S. Carqueja.

Agradecemos e felicitamos.



Publicações

Segredos do coração, por Luiz de Val, Casa Editora, Belem & C.ª Succ. Lisboa, rua Marechal Saldanha, 16. Recebemos o 1.º tomo deste sensacional romance.



UM ASPECTO DO JARDIM BOTANICO DA AJUDA, EM LISBOA

Errata

Em o n.º 1276 desta revista, de 10 deste mez, a pag. 191, fim da 3.ª col. safu errado o nome que se lê por baixo do retrato que deve ser Saul Eduardo Rebelo Valente e não Raul Eduardo Ribeiro Valente.

Deste lapso de revisão pedimos desculpa ao sr. Saul Valente e aos nossos leitores.

No artigo «A Embaixada Portuguesa no Rio de Janeiro» publicado a pag. 198 do n.º antecedente (1277) linha 40, onde se lê «morro de Santa Tereza, deve lêr-se «morro de D. Marta, e «continuação da Serra do Corcovado» em vez de «Serra dos Orgãos».

TRESPASSE

Bom emprego de Capital

No centro da cidade ha um magnifico e acreditado estabelecimento de ourivesaria, que se trespassa pelo motivo do seu proprietario desejar retirar-se do comercio.

Carta ás Iniciaes S. A. R.
AVENIDA DA REPUBLICA, 84-B
LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

GRAND PRIX - O Melhor Premio da Exposição - LONDRES 1903

CONTRA DEBILIDADE
VINHO NUTRITIVO DECARNE
O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE
TESTADO POR NÚMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS.
AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Premiado com medalhas de ouro, nas exposições:
de Lisboa, 1888,
Paris, 1889,
Belem 1893,
Avers 1894,
Londres 1904,
Rio de Janeiro 1908, etc.

Pedro Franco & C.ª
Rua de Belem, 147 - LISBOA

Contra a debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, é ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e previllgiado.

Pedro Franco & C.ª

DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA

CASA DE PARIS

Rua d'Assunção, 56 — LISBOA

Grande e variado sortimento de brinquedos, quinquilherias e artigos proprios para brindes

10 % de desconto aos clientes da casa de Pires Marinho — PREÇO FIXO